

# Acervo em transformação: doações recentes

**Texto da exposição  
em fonte ampliada**

**Português**



# SUMÁRIO

Texto de abertura.....p.6

Mapa do espaço expositivo.....p.10

## Parede A

Mapa da Parede A.....p.11

KANG SEUNG LEE, *Untitled (Lazaro, José Leonilson, 1993)*.....p.12

EVELYN TAOCHENG WANG, *Makeup Remover Cotton Pads and Imitation of Agnes Martin*..p.15

SABELO MLANGENI, *Faith and Sakhi Moruping Thembisa Township*.....p.18

SABELO MLANGENI, *Identity*.....p.18

SABELO MLANGENI, *A Roof Top Photoshoot with the Dancers (Tonnex, Ruby, Nonso and Oshodi)*.....p.18

SHALOM KUFAKWATENZI, *Under the Sea*..p.21

XIYADIE, *Wall*.....p.23

VIOLETA	QUISPE,	<i>¡Kullaykusqay</i>	
<i>kullaykuqaymi</i> .....			p.26
DEAN	SAMESHIMA,	<i>Anonymous</i>	
<i>Homosexual</i> .....			p.29
SALMAN TOOR,	<i>The Ceremony</i> .....		p.31
LIZ COLLINS,	<i>Rapture</i> .....		p.34

## Corredor

Mapa do Corredor.....	p.36
TAYLOR NKOMO, <i>Thinke</i> .....	p.37
TAYLOR NKOMO, <i>Herdboy</i> .....	p.38
VICTOR FOTSO, <i>Malinconia</i> .....	p.38

## Parede B

Mapa da Parede B.....	p.39
KILUANJI KIA HENDA, <i>The Geometric Ballad of Fear</i> .....	p.40
PAULA NICHÓ, <i>Camino a Xejul</i> .....	p.41
ROSA ELENA CURRUCHICH, <i>La procesión</i>	

<i>de la resurrección</i> .....	p.43
ROSA ELENA CURRUCHICH, <i>Las Patojitas las tres en su cumpleaños hace una ceremonia de ellas</i> .....	p.43
ROSA ELENA CURRUCHICH, <i>Rosa Elena van a tejer río Chiperen</i> .....	p.43
ROSA ELENA CURRUCHICH, <i>Van a escoger capitana del nuevo año</i> .....	p.44
ANDRÉS CURRUCHICH, <i>Pila chi pech</i> .....	p.46
RIVER CLAURE, <i>Yatiri</i> .....	p.49
RIVER CLAURE, <i>Villa Adela</i> .....	p.49
RIVER CLAURE, <i>Cerro 3</i> .....	p.50
RIVER CLAURE, <i>Don Raymundo</i> .....	p.50
AYDEÉ RODRÍGUEZ LÓPEZ, <i>El Negro Yanga</i> .....	p.53
ANTONIO JOSE GUZMAN & IVA JANKOVIC, <i>Ultra Bajareque</i> .....	p.55
OMAR MISMAR, <i>Parting Scene (with Ahmad, Firas, Mostafa, Yehya, Mosaab)</i> .....	p.57

# ACERVO EM TRANSFORMAÇÃO: DOAÇÕES RECENTES

Esta exposição reúne 28 obras incorporadas ao acervo do MASP realizadas por 19 artistas que, em 2024, participaram da 60ª Biennale di Venezia. Dentre as obras apresentadas, 25 efetivamente estiveram na mostra italiana, enquanto as outras três são de artistas que integraram a Biennale com trabalhos de mesma natureza.

A Biennale Arte 2024 foi um evento importante para o MASP, pois foi curada pelo diretor artístico do museu, Adriano Pedrosa. Intitulada *Stranieri Ovunque* [Estrangeiros em todo lugar], esta foi a primeira edição concebida por um curador latino-americano daquela que é considerada a mais importante mostra de arte do mundo. Ela reuniu, majoritariamente, artistas do

Sul Global, artistas indígenas, artistas *outsiders* e associados à chamada “arte popular”, e outros da comunidade LGBTQIA+, pouco conhecidos nos circuitos europeus e norte-americanos. O enquadramento curatorial da Biennale dialogou diretamente com os ciclos anuais das *Histórias* no MASP – como as *Histórias afro-atlânticas* (2018), as *Histórias indígenas* (2023) e as *Histórias LGBTQIA+* (2024) –, e muitos artistas que expuseram no museu nos últimos anos foram selecionados para a mostra em Veneza.

O MASP é um dos poucos museus no Brasil com um acervo internacional: possui um extraordinário conjunto de arte europeia que vai do século 15 ao início do século 20. Entretanto, atualizar a coleção internacional com obras de artistas contemporâneos é um enorme desafio e, nesse contexto, a Biennale di Venezia tornou-se uma

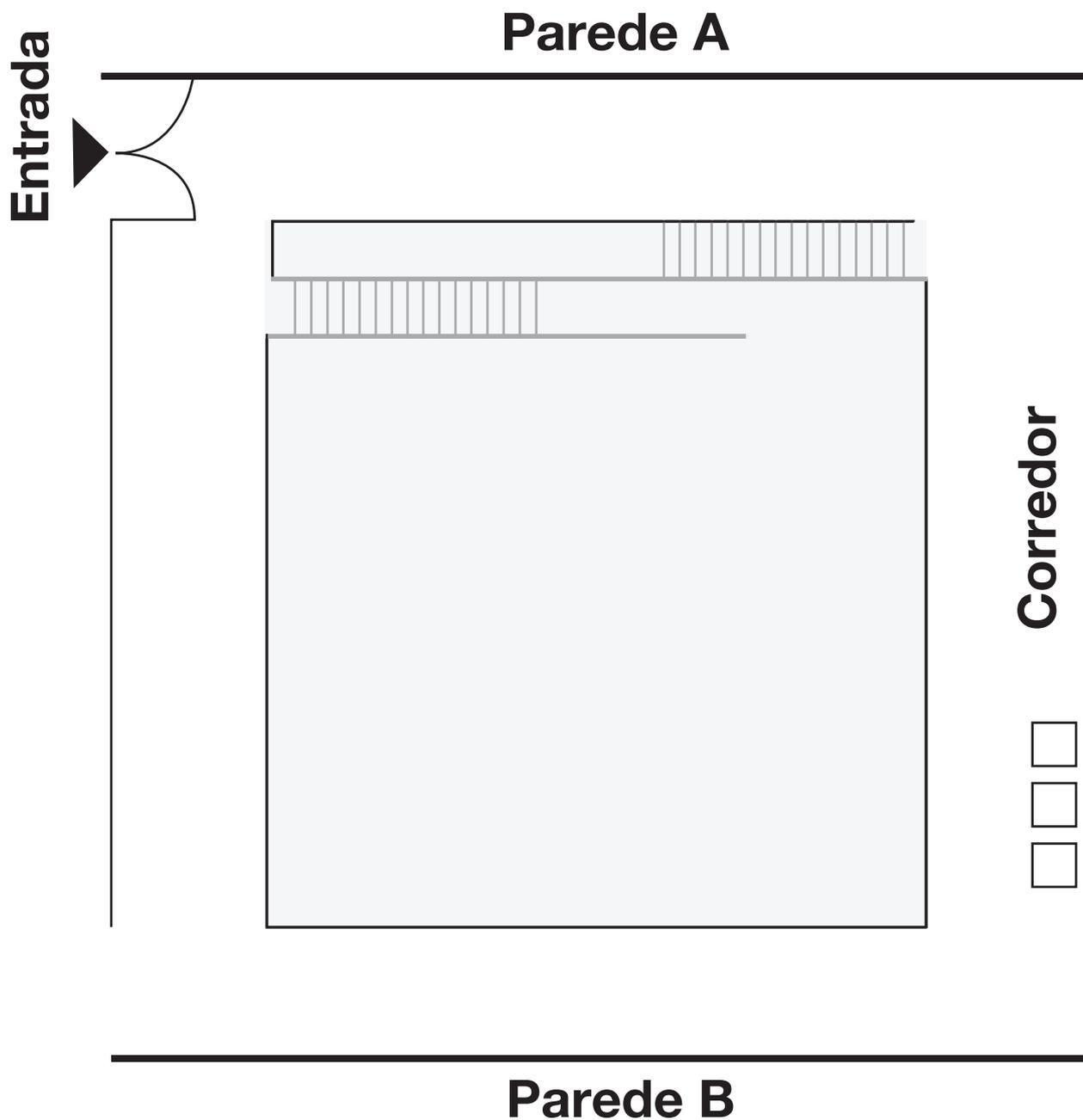
oportunidade única para o museu expandir e diversificar sua coleção. Apresentamos aqui uma seleção de um conjunto maior de 36 obras – algumas outras já estão expostas no segundo andar do Museu. O MASP é extremamente grato a todos os artistas e doadores por essas importantes aquisições.

*Acervo em transformação: doações recentes é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico; Regina Teixeira de Barros, curadora do acervo; e Matheus de Andrade, assistente curatorial.*

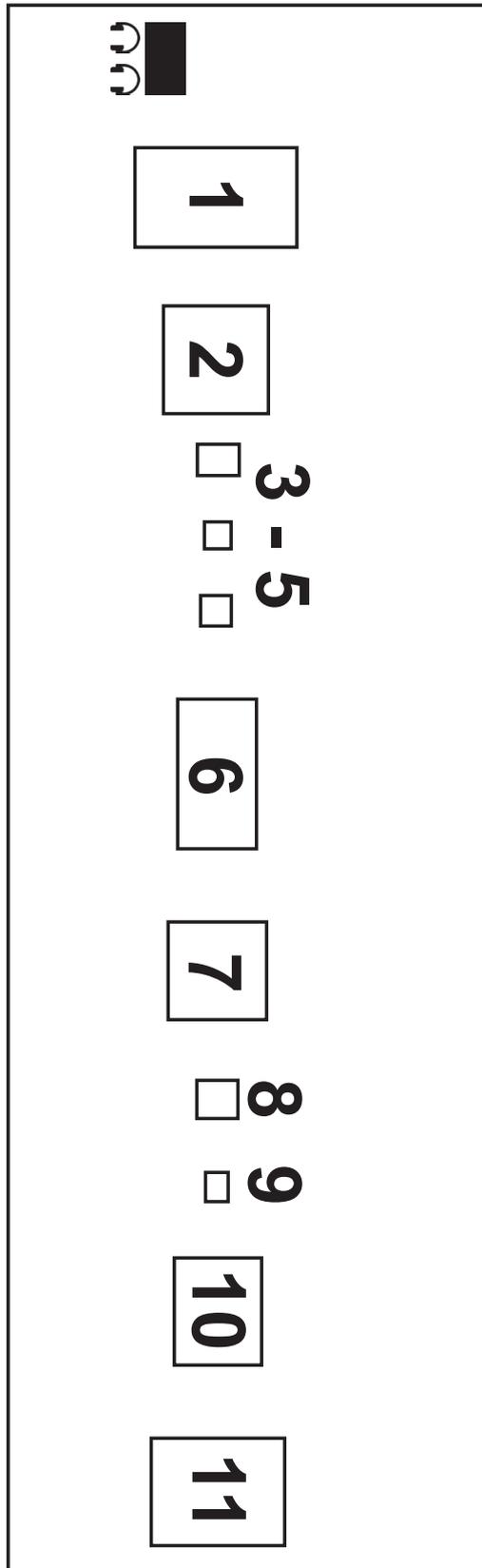
O MASP agradece profundamente a Cleusa Garfinkel, Daniela Escobari, Elisa Nuyten, Família Simões de Assis, Fernanda Feitosa e Heitor Martins, Graham Steele, Juliana Siqueira de Sá e Manuelle Ferraz, Nádia e Olavo Setubal, Regina Pinho de Almeida, Renata e Julio

Landmann, Rose e Alfredo Setubal, Stefania Pelusi, William Segadas Hegg Heuseler e Felipe Hegg, à Diretoria Estatutária (Alexandre Bertoldi, Andrea Cury Waslander, Flávia Buarque de Almeida, Geraldo Carbone, Heitor Martins, Jackson Schneider, Jean Martin Sigrist Jr., Juliana Siqueira de Sá e Tania Haddad Nobre), bem como aos anônimos, por suas generosas doações ao acervo do Museu.

# Mapa do espaço expositivo



# PAREDE A



# Kang Seung Lee

Seul, Coréia do Sul, 1978

## 1. *Untitled* [Sem título] (*Lazaro, José Leonilson, 1993*), 2023

Grafite, fio de ouro antigo 24K, sambe, pérolas, agulha para piercing, folha de ouro 24K, pregos de latão sobre pergaminho de pele de cabra.

Doação Rose e Alfredo Setubal no contexto da Biennale di Venezia, 2024

Kang Seung Lee é um artista multidisciplinar cujo trabalho, que abrange desenho, bordado, tapeçaria, cerâmica e vídeos, reimagina eventos históricos e destaca experiências de artistas importantes da história queer de diferentes regiões. Ao explorar e reinterpretar imagens,

textos, artefatos e objetos de arquivos públicos e privados, coleções de arte e bibliotecas, Lee foca no legado das pessoas LGBTQIA+, ressaltando contranarrativas frequentemente negligenciadas. O artista também homenageia e promove encontros imaginários, que transcendem espaço e tempo, entre figuras como o artista brasileiro José Leonilson (1957-1993), o bailarino e coreógrafo Goh Choo San (1948-1987), de Singapura, e o pintor chinês-americano Martin Wong (1946-1999). *Sem título* (Lazaro, José Leonilson, 1993) faz referência à obra *Lásaro* [sic] (1993), de Leonilson, conhecido por abordar temas como amor, vulnerabilidade e o temor da morte. A obra do artista brasileiro, composta por duas camisas de algodão unidas pela cintura, fez parte de uma instalação criada para a Capela do Morumbi, em São Paulo, e foi concluída após sua morte. Feita em sambe, um tecido de cânhamo

tradicionalmente usado na Coreia para a confecção de vestes funerárias, a peça adiciona novas camadas de significados e histórias ao arquivo de homenagens às vidas e memórias perdidas na epidemia de HIV/AIDS. Nota-se, também, a inscrição bordada com fios de ouro da palavra “lazaró”, realizada com as letras da língua de sinais adotada nos Estados Unidos. Esse gesto faz referência a Martin Wong e coloca em perspectiva a tradução, questionando nossa percepção e compreensão a respeito das convenções comunicacionais.

# Evelyn Taocheng Wang

Chengdu, China, 1981

**2. *Makeup Remover Cotton Pads and Imitation of Agnes Martin*** [Discos de algodão para remover maquiagem e imitação de Agnes Martin] da série *Do Not Agree with Agnes Martin All the Time* [Não concorde com Agnes Martin o tempo todo], 2023

Tinta de caneta, acrílica, gesso, lápis de cor sobre tela de linho

Doação Diretoria Estatutária, Alexandre Bertoldi, Andrea Cury Waslander, Flávia Buarque de Almeida, Heitor Martins, Jackson Schneider, Jean Martin Sigrist Jr. e Tania Haddad Nobre no contexto da Biennale di Venezia, 2024

Evelyn Taocheng Wang trabalha com diferentes suportes e tradições pictóricas. Inicialmente treinada na tradição literária do Leste Asiático, ela se formou no departamento de belas-artes da Universidade Normal de Nanjing, em 2006. A trajetória transnacional e nômade de Wang fundamenta sua prática, na qual questões sobre tradições culturais, multilinguismo, história da arte, identidade, autenticidade, gênero e a interação de imagens se tornam modelos a serem apropriados, retrabalhados ou ficcionalizados. Uma característica recorrente da obra de Wang é a referência a figuras femininas modernistas, como Ingeborg Bachmann (1926-1973), Octavia Butler (1947-2006), Eileen Chang (1920-1995) e Agnes Martin (1912-2004), que servem de reflexo ou apoio para a queerização que a artista faz das histórias apropriadas por ela. A série de pinturas *Do Not Agree with Agnes Martin All the Time* [Não

concorde com Agnes Martin o tempo todo] deriva de seu fascínio de longa data por Martin, pintora estadunidense nascida no Canadá — uma “mestra eremita”, de acordo com Wang. Sendo uma emigrante, tanto uma figura fundamental quanto uma forasteira no meio artístico minimalista, e baseando-se no pensamento do Leste Asiático (taoismo e zen-budismo), a vida e a obra de Agnes Martin unem temas recorrentes, com os quais Wang se identifica e a partir dos quais sua linguagem é elaborada. Para essa série, a artista literalmente seguiu as legendas de pinturas de Martin. Embora ela fale de “imitação” e “apropriação” indistintamente, sua leitura das legendas revela um elemento reprimido, a saber, a quantidade de água usada com a tinta.

# Sabelo Mlangeni

Mpumalanga, África do Sul, 1980

Da esquerda para a direita:

### **3. *Faith and Sakhi Moruping Thembisa***

***Township*** [Faith e Sakhi Moruping no bairro Thembisa], da série *Isivumelwano* [Contrato], 2004

**4. *Identity*** [Identidade], da série *Black Men in Dress* [Homem preto de vestido], 2011

### **5. *A Roof Top Photoshoot with the Dancers***

***(Tonnex, Ruby, Nonso and Oshodi)*** [Uma sessão de fotos no terraço com os dançarinos (Tonnex, Ruby, Nonso e Oshodi)], da série *The Royal House of Allure* [A Casa Real da atração], 2019

Sabelo Mlangeni é um fotógrafo cujo trabalho investiga as complexidades da identidade, sexualidade e marginalização, revelando as nuances dessas questões na sociedade sul-africana. A série *Black Men in Dress*, da qual a obra *Identity* faz parte, retrata homens negros que desafiam as normas de gênero ao realizarem performatividades tradicionalmente associadas ao feminino. A imagem apresenta um homem negro em pose confiante, com tranças longas, joias e o elástico da cueca adornado com a palavra “identity” [identidade]. A fotografia em preto e branco intensifica as nuances entre o indivíduo e o ambiente, criando uma tensão que convida o observador a refletir sobre as camadas de significado presentes. Esta série foi concebida no Soweto Pride, um evento anual que celebra a diversidade da comunidade LGBTQIA+ em

Joanesburgo. Considerando que Soweto é um local emblemático da luta contra o *apartheid*, a obra conecta duas grandes frentes de resistência: a luta por igualdade racial e a luta por direitos LGBTQIA+, destacando como diferentes formas de opressão se cruzam. Historicamente, a mídia e a arte reduziram as representações de homens negros e suas expressões de gênero a visões simplistas e estereotipadas. O contraste entre sua postura assertiva e a estética associada a códigos femininos subverte normas de gênero, oferecendo uma representação que escapa aos estereótipos impostos à masculinidade negra. Mlangeni questiona noções fixas de gênero, raça e identidade, enquanto transforma o registro do cotidiano em uma ferramenta de autoafirmação e resistência.

# Shalom Kufakwatenzi

Harare, Zimbábue, 1995

## 6. *Under the Sea* [No fundo do mar], 2023

Tecido de juta, lã, barbante de tabaco, linha de pesca

Doação Juliana Siqueira de Sá e Manuelle

Ferraz no contexto Biennale di Venezia, 2024

Shalom Kufakwatenzi trabalha com diversas mídias, incluindo performance, fotografia e instalações, tecendo reflexões sobre identidade e memória. Em sua prática, a abstração emerge como um recurso poético para escapar de representações óbvias ou redutoras, abraçando a fluidez e a complexidade das identidades de gênero e orientações sexuais. Sua obra carrega uma dimensão profundamente pessoal,

enraizada nas primeiras influências de sua mãe, uma costureira que lhe apresentou o universo dos tecidos e do design. Ao mesmo tempo, seu trabalho possui um caráter crítico, desafiando as normas sociais e culturais que moldam a sociedade zimbabuense. *Under the Sea* é uma obra criada com tecidos naturais, cujos usos e significados estão profundamente ligados ao contexto local. A peça combina técnicas artesanais de tecelagem e tingimento com uma abordagem contemporânea, tratando de questões de pertencimento e transformação. Para a artista, o trabalho é uma documentação poética de sua jornada pessoal, explorando sua busca por conexão enquanto pessoa queer com uma bagagem — espiritual, emocional e religiosa. A obra, de natureza maleável, apresenta camadas sobrepostas, evocando tanto a leveza quanto a densidade da vida. Essa dualidade também se

reflete na alusão aos símbolos dos anéis e nas cores do arco-íris. A metáfora do título, “no fundo do mar”, reforça o contraste entre acessar a superfície e mergulhar nas profundezas, onde a artista afirma sua identidade não binária e desafia os limites da conformidade.

## **Xiyadie**

Shaanxi, China, 1963

### **7. *Wall* [Muro], 2016**

Corante à base de água e pigmentos chineses sobre papel Xuan recortado

Doação Rose e Alfredo Setubal no contexto da Biennale di Venezia, 2024

Xiyadie é um artista cujo trabalho em recorte de papel elabora aspectos da vivência queer. Sua produção se destaca por explorar essa técnica milenar chinesa sob uma ótica erótica e homossexual, baseada em fantasias, desejos e experiências pessoais. Criado por uma família de artesãos em uma província chinesa, o artista levou uma vida dupla como um homem gay não assumido. Após se mudar para Beijing, adotou o nome Xiyadie, que se traduz como “borboleta siberiana”, uma criatura que sobrevive a condições adversas de frio extremo — servindo como uma analogia às opressões vivenciadas por ele como pessoa dissidente em um país conservador. *Wall* apresenta duas figuras semelhantes, separadas por uma parede. Uma está dentro do que seria o interior de uma casa tradicional chinesa, caracterizada pelos elementos arquitetônicos à

esquerda, enquanto a outra se encontra do lado de fora, agachada entre elementos vegetais e animais. Apesar de não se verem, elas se conectam por ramos de flores que emergem de suas bocas e genitais, assim como por suas mãos, que se transformam em pássaros. Com delicadeza e eroticidade, o artista cria recortes complexos que narram a repressão de desejos e expressões de sexualidade, sendo o muro o elemento que conceitualmente demarca essa opressão e aprisionamento, dividindo o ambiente doméstico do público. A natureza, por sua vez, atua como mediadora da possibilidade de liberdade, seja pelo voo dos pássaros das mãos metamorfoseadas ou pela conexão por meio da vegetação.

# Violeta Quispe

Lima, Peru, 1989

**8. ¡Kullaykusqay kullaykuqaymi!** [Amor é amor!], 2022

Acrílica e policromado misto com pigmentos naturais sobre compensado de madeira

Doação Juliana Siqueira de Sá e Manuelle

Ferraz no contexto da exposição *Histórias*

*LGBTQIA+*, 2024

Violeta Quispe é uma artista e ativista conectada às tradições andinas da cultura quéchua da região de Ayacucho, Peru, como as chamadas “Tablas de Sarhua” — pinturas geralmente feitas por homens em ripas de madeira.

Quispe reivindica esse ofício para as mulheres, transformando-o em instrumento de luta contra

a violência de gênero por meio da inserção de mensagens de resistência feminina. Desde 2018, a artista revisita a figura do *Ekeko*, divindade andina masculina ligada à prosperidade, representada como um mercador e utilizada como um amuleto. Quispe desafia as crenças locais que associam má sorte à presença feminina e subverte o gênero dos ekekos — como sugerido aqui pelas letras “e” e “x” em substituição ao “o” em seu nome, demarcando o gênero neutro da figura. A representação de Quispe mescla roupas e adereços masculinos e femininos, além de um megafone, uma máscara que protege do gás lacrimogêneo e uma luva de boxe com a frase “luta constante”, evidenciando seu ativismo político. Brinquedos como bola e carrinho, associados a meninos, questionam convenções de gênero, assim como bandeiras, livros e dizeres em defesa da liberdade sexual

e dos direitos LGBTQIAP+. Já o “vinho sangue de Cristo” critica certo conservadorismo cristão, enquanto o refrigerante peruano Hinca-Cola denuncia o imperialismo cultural. A artista também incorpora conhecidas referências da cultura andina, como as cores neon da arte chicha, diferentes tipos de milho e a folha de coca, além de instrumentos musicais como a flauta de pã. Na parte inferior da tela, estão representadas divindades do sol e da lua, ao lado da frase em quéchua “amor é amor”.

## Dean Sameshima

Torrance, Califórnia, Estados Unidos, 1971

### 9. *Anonymous Homosexual* [Homossexual anônimo], 2020

Acrílica sobre tela

Doação William Segadas Hegg Heuseler e Felipe Hegg no contexto da Biennale di Venezia, 2024

O trabalho de Dean Sameshima aborda o desejo, a sexualidade e a documentação de subculturas queer, especialmente por meio de fotografia, pintura e colagem. Sua prática é reconhecida por capturar a natureza efêmera de ambientes eróticos, como cinemas pornográficos, clubes de sexo e outros espaços marginalizados que estão desaparecendo com o surgimento de novas

redes de sociabilidade. Tomando como referência a fotografia conceitual, Sameshima emprega recursos como repetição, sequenciamento e apropriação para explorar territórios íntimos. O artista frequentemente faz referência à cultura gay das décadas de 1970 e 1980 ao trabalhar temas como identidade e erotismo, ao mesmo tempo que investiga a relação entre a imagem e o espectador. Sua obra acaba por registrar e documentar histórias e culturas que correm o risco de serem esquecidas, construindo um arquivo visual queer que desafia as convenções tradicionais. A obra *Anonymous Homosexual* evoca a estética de placas de propaganda e cartazes de rua, jogando com a tensão entre visibilidade e anonimato. A ênfase na tipografia e a simplicidade visual remetem à comunicação pública, mas o conteúdo textual subverte essas expectativas ao abordar questões profundamente

íntimas e marginalizadas, como identidades sexuais e exclusão social. Sameshima cria um jogo sutil entre a necessidade de ser visto e o desejo de permanecer anônimo, espelhando a vulnerabilidade e o estigma associados à visibilidade LGBTQIA+. Essa abordagem questiona o anonimato forçado que muitas vezes acompanha a experiência dessas comunidades, enquanto provoca uma reflexão sobre a exposição pública e a privacidade.

## **Salman Toor**

Laore, Paquistão, 1983

### **10. *The Ceremony* [A cerimônia], 2024**

Óleo sobre madeira

Doação prometida por Graham Steele no contexto da Biennale di Venezia, 2024

Salman Toor é um artista paquistanês radicado nos Estados Unidos, com uma prática centrada em pintura, além de desenhos. Suas obras representam sobretudo homens gays — muitos deles com características físicas que lembram o próprio artista —, ora retratados em situações de liberdade, afeto e intimidade, ora em cenas de conflitos e choques culturais que permeiam o cotidiano de homossexuais, em especial em contextos religiosos, sociedades marcadamente homofóbicas e, atualmente, no país natal do artista. Sua produção articula uma série de referências imagéticas, de fotografias pessoais à história da arte, com enquadramentos, composições e cores que se referem a diversos grandes mestres da tradição ocidental, até histórias em quadrinhos e desenhos animados, como nos narizes volumosos levemente caricatos de várias de suas figuras. *A cerimônia* narra

uma cena de casamento, misturando elementos liberais — como os casais homossexuais abraçados no centro da obra — e tradicionais — nas representações de homens usando o *pakol*, boné masculino habitualmente usado no Paquistão. Além de marcada por uma atmosfera esverdeada, que ao mesmo tempo sugere um ambiente noturno iluminado por postes elétricos ou certa embriaguez e boemia, a pintura é construída com pinceladas muito pequenas, o que gera superfícies texturizadas de forte apelo tátil, reforçando a sensualidade e o erotismo das figuras, todas levemente curvilíneas e em posturas que sugerem conforto e pertencimento.

**Liz Collins**

Alexandria, Estados Unidos, 1968

**11. *Rapture* [Êxtase], 2021**

Seda, linho e poliéster e madeira

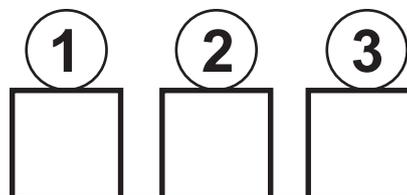
Doação da artista no contexto da exposição

*Histórias LGBTQIA+*, 2024-25

Liz Collins é uma artista que transita entre o design, a arquitetura e a moda, dedicando especial atenção ao trabalho com tecidos. A artista frequentemente explora temas como identidade, feminilidade e a intersecção entre arte e artesanato, incorporando cores vibrantes e padrões intrincados em suas criações. Em *Rapture*, Collins apresenta uma tapeçaria vertical elaborada com uma variedade de têxteis — poliéster, seda e linho. Essa escolha nos convida a refletir sobre a

materialidade de sua obra, que combina diferentes tecidos tradicionalmente utilizados na confecção de roupas, desde os mais nobres, como a seda, até os sintéticos. No centro de *Rapture*, uma trama em ziguezague de centenas de linhas vermelhas e rosas, algumas levemente soltas, sugere conexões flexíveis e não tão ortodoxas com o abstracionismo geométrico e as experimentações construtivas das vanguardas artísticas do século 20. Ao invés de uma interpretação técnica ou fria desses elementos, suas obras — frequentemente repletas de repetições e símbolos — exprimem, com efeito, as múltiplas dimensões visuais inspiradas na performatividade queer, como códigos pulsantes e extravagantes que permeiam a vida dos corpos e das sexualidades dissidentes. O trabalho de Collins evoca fenômenos naturais e sociais, possibilitando interações entre o tátil, o sensorial, o sensual e o perceptivo.

# CORREDOR



# Taylor Nkomo

Bulawayo, Zimbábue, 1957

## 1. *Thinker* [Pensador], 2023

Serpentinita

Doação Diretoria Estatutária, Alexandre

Bertoldi, Andrea Cury Waslander, Flávia

Buarque de Almeida, Heitor Martins, Jackson

Schneider, Jean Martin Sigrist Jr. e Tania

Haddad Nobre no contexto da Biennale di

Venezia, 2024

## 2. *Herdboy* [Pastor], 2023

Cobalto

Doação Diretoria Estatutária, Alexandre Bertoldi, Andrea Cury Waslander, Flávia Buarque de Almeida, Heitor Martins, Jackson Schneider, Jean Martin Sigrist Jr. e Tania Haddad Nobre no contexto da Biennale di Venezia, 2024

## Victor Fotso

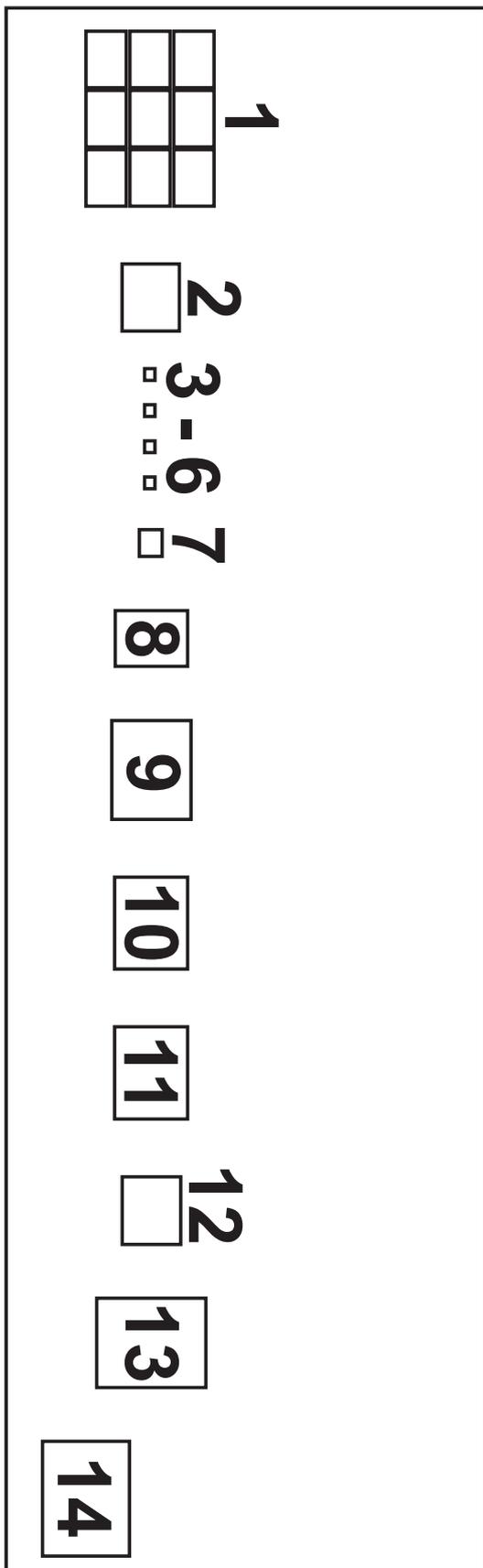
Douala, Camarões, 1990

## 3. *Malinconia*, 2020

Cerâmica esmaltada e ouro

Doação Nádia e Olavo Setúbal no contexto da Biennale di Venezia, 2024

# PAREDE B



# Kiluanji Kia Henda

Luanda, Angola, 1979

## 1. *The Geometric Ballad of Fear* [A balada geométrica do medo], 2015

Fotografia digital, impressão sobre papel de algodão

Doação Rose e Alfredo Setúbal, Teresa e Cândido Bracher no contexto da Biennale di Venezia, 2024-25

## Paula Nicho

San Juan Comalapa, Chimaltenango,  
Guatemala, 1955

### 2. *Camino a Xejul* [Caminho para Xejul], 2005

Óleo sobre tela

Doação Juliana Siqueira de Sá e Manuelle

Ferraz, no contexto da Biennale di Venezia, 2024

Paula Nicho Cumez é uma pintora maia que mora em Comalapa, na Guatemala. Desde pequena, seu avô, o escultor Francisco Cumez, a incentivou a explorar suas habilidades artísticas. Com o apoio de seu professor e, posteriormente, marido, o pintor Salvador Cumez Curruchich, Nicho começou a produzir suas primeiras obras, em meados da década de 1980, em um contexto em que a pintura ainda era

tradicionalmente reservada aos homens. Nessa época, com outras cinco mulheres maias, Nicho promoveu a criação de um grupo de artistas — inicialmente conhecidas como as Pintoras Surrealistas Kaqchikeles e, depois, apenas como as Pintoras Kaqchikeles de Comalapa. Sua obra foi originalmente inspirada nas histórias contadas pelos anciãos de sua comunidade e na leitura das narrativas sagradas fundamentais do povo maia, como os livros de *Chilam Balam* e *Popol Vuh*. As pinturas de Nicho reconhecem o equilíbrio e a reciprocidade dos mundos natural e espiritual como um componente essencial para a restauração da autodeterminação indígena, e o simbolismo dos sonhos desempenha um papel fundamental em suas criações.

# Rosa Elena Curruchich

San Juan Comalapa, Guatemala, 1958 – 2005

Da esquerda para a direita:

**3. *La procesión de la resurrección*** [A procissão da Ressurreição], *circa* 1980

**4. *Las Patojitas las tres en su cumpleaños hace una ceremonia de ellas*** [As três Las Patojitas fazem uma cerimônia de aniversário], *circa* 1980

**5. *Rosa Elena van a tejer río Chiperen*** [Rosa Elena vai tecer no rio Chiperen], *circa* 1980

## 6. *Van a escoger capitana del nuevo año*

[Eles vão escolher o capitão do ano novo],

*circa 1980*

Óleo sobre tela

Doações anônimas no contexto da Biennale di Venezia, 2024 – 25

Rosa Elena Curruchich foi uma artista maia kaqchikel. Ela é considerada a primeira pintora mulher em Comalapa, no departamento de Chimaltenango, na Guatemala. Era neta de Andrés Curruchich (1891-1969), um dos pintores mais importantes de Comalapa, que obteve reconhecimento internacional na década de 1950. Aprendeu sozinha a pintar, em meados da década de 1970. Sua primeira exposição aconteceu em 1979, no Instituto Francês capital guatemalteca. Sua obra pictórica não foi

bem recebida, alvo de receios e preconceitos por se tratar de uma artista mulher que trabalhava no que era considerada uma forte tradição masculina dentro de sua comunidade. As obras de Curruchich exemplificam seu desejo de documentar, por meio de pinturas meticulosamente detalhadas, a vida cotidiana, os costumes tradicionais, as festividades religiosas e o trabalho artesanal de sua comunidade indígena, como a produção de velas, pães, pipas e *perrajes* (mantas). O formato em miniatura dos trabalhos de Curruchich corresponde ao fato de que grande parte deles foi feito em segredo, além de permitir que fossem transportados discretamente durante o violento período da guerra civil na Guatemala (1960-1996). Em vez de oferecer imagens exotizadas, produzidas para o consumo dos turistas, suas pinturas têm como foco o papel das mulheres

dentro da organização social indígena local e reconhecem o valor do trabalho assistencial. Em cada pintura, ela incluiu um pequeno texto descrevendo os personagens e suas ações. As imagens de Curruchich contam sua história pessoal, ao mesmo tempo que reivindicam o poder transformador do trabalho comunitário.

## **Andrés Curruchich**

San Juan Comalapa, Guatemala, 1891-1969

### **7. *Pila chi pech* [Fonte no centro], 1938**

Óleo sobre tela em aglomerado de madeira

Doação Renata e Julio Landmann no contexto da Biennale di Venezia, 2024

Andrés Curruchich foi um renomado pintor autodidata kaqchikel e é considerado o artista mais influente da Guatemala. Sua jornada artística começou na década de 1920, quando teve o primeiro contato com materiais de pintura. A partir daí, dedicou-se a retratar, com riqueza de detalhes, a vida cotidiana das comunidades maia, refletindo, ao mesmo tempo, o impacto da colonização espanhola e da introdução do cristianismo nas tradições indígenas. Nesta tela, *Pila chi pech* (“fonte no centro”, em maia), Curruchich retrata o encontro de homens e mulheres em torno de uma fonte pública, um ponto de convivência e trabalho. Os jarros de cerâmica carregados pelos personagens destacam a habilidade artesanal da comunidade com o barro, material central para o uso doméstico, ritualístico e simbólico. A cerâmica, além de prática, possui valor espiritual:

o processo de modelar a argila conecta o artesanato ao ciclo da criação, simbolizando um diálogo entre o mundo humano e o espiritual e reforçando o respeito à terra como fonte de vida. Destacam-se os trajes confeccionados com os padrões característicos das vestimentas tradicionais, que evidenciam o conhecimento técnico dos maias na arte de tecer. Ao fundo, a arquitetura colonial da casa alude à colonização espanhola, que, embora presente, não domina a narrativa da cena. O legado de Curruchich é perpetuado por um grupo de pintores kaqchikel em San Juan Comalapa, uma cidade conhecida por sua tradição na chamada arte popular. Artistas como Rosa Elena Curruchich (1958-2005), Paula Nicho e María Elena Curruchich continuaram a expressar e expandir sua influência artística.

# River Claire

Cochabamba, Bolívia, 1997

## 8. *Yatiri*, da série *Warawar Wawa*, 2019

Fotografia digital colorida, impressão sobre papel algodão

Doação Daniela Escobari no contexto da Biennale di Venezia, 2024

## 9. *Villa Adela*, da série *Warawar Wawa*, 2019

Fotografia digital colorida, impressão sobre papel algodão

Doação Daniela Escobari no contexto da Biennale di Venezia, 2024

## 10. **Cerro 3** [Colina 3], da série *Mita*, 2023

Fotografia digital colorida, impressão sobre papel algodão

Doação Francisco e Stefania Cestero no contexto da Biennale di Venezia, 2024

## 11. **Don Raymundo**, da série *Mita*, 2023

Fotografia digital colorida, impressão sobre papel algodão

Doação do artista no contexto da Biennale di Venezia, 2024

River Claire é um fotógrafo e artista visual mais conhecido por seus retratos cuidadosamente elaborados, suas paisagens mágicas e sua série de documentação fotográfica. Em sua obra, ele questiona o papel da identidade cultural e a centralidade das imagens fotográficas em nossa percepção da realidade. Nascido em uma família de migrantes de uma pequena comunidade no planalto andino, Claire cresceu sob as tensões entre suas próprias raízes indígenas e a realidade dos centros urbanos no início do século 21. Formado inicialmente em sua cidade natal, Cochabamba, ele estudou fotografia contemporânea em Madri e logo se tornou um dos artistas bolivianos de maior visibilidade de sua geração. Em vez de representações mecânicas de uma determinada realidade, suas imagens constituem intervenções lúdicas sobre aquilo que consideramos factual. Uma

pessoa retratada pode se tornar um ator, ou uma imagem documental pode se revelar um set de filmagens. As fotografias de Claire, no entanto, retratam rostos, paisagens e identidades reais e são baseadas em seu extenso trabalho vivendo em e com comunidades do seu país. Elas também reorganizam alegremente os códigos e arranjos criados para se capturar uma determinada realidade: são *tableaux vivants* [quadros vivos] nos quais os retratados podem dizer o indescritível à sua maneira, com base nos princípios de autodeterminação, dignidade e um pouco de magia.

# Aydeé Rodríguez López

Cuajinicuilapa, Guerrero, México, 1955

## 12. *El Negro Yanga* [O negro Yanga], 2011

Óleo sobre tela, montado em moldura de madeira de choupó tingida e esculpida à mão  
Doação Família Simões de Assis no contexto da Biennale di Venezia, 2024-25

Aydeé Rodríguez López é uma artista afro-mexicana autodidata, engajada na luta por visibilidade da história e das vozes das comunidades negras no México. Criada em uma família de camponeses, mudou-se para a Cidade do México ainda jovem. Aos 38 anos, começou sua jornada na pintura com um retrato de sua avó. Desde então, Rodríguez López chamou atenção para a história, a cultura e as crenças

dos afrodescendentes. Suas pinturas, movidas pelo compromisso de combater o racismo, abordam a violência racial — tema que só obteve reconhecimento oficial no país há duas décadas. Ricas em detalhes intrincados e narrativas envolventes, suas pinturas aprofundam-se em acontecimentos históricos e suas repercussões na sociedade contemporânea. Algumas servem como acusações, enquanto outras retratam visões utópicas de um futuro definido pela justiça e pela liberdade. *El Negro Yanga* homenageia Gaspar Yanga (*circa* 1545), um dos primeiros libertadores das Américas, que liderou rebeliões no México colonial e fundou, por volta de 1618, o povoado africano livre de San Lorenzo de los Negros.

**Antonio Jose Guzman & Iva Jankovic**

Cidade do Panamá, 1971

Ruma, Sérvia, 1979

### **13. *Ultra Bajareque*, 2024**

*Patchwork* acolchoado tingido naturalmente com índigo, tela de algodão estampada em bloco

Doação dos artistas no contexto da Biennale di Venezia, 2024-25

*Ultra Bajareque*, de Antonio Jose Guzman e Iva Jankovic, articula um diálogo entre o histórico e o contemporâneo, o local e o global. No cerne da obra está uma reflexão sobre a ressonância duradoura do índigo — o “rei dos corantes” — como signo cultural e material, entrelaçado a histórias de comércio, trabalho e identidade. O *patchwork* semiquiltado, produzido com índigo

natural sobre tela de algodão estampada em bloco, testemunha o envolvimento dos artistas com as tradições de Ajrakh, originárias de Gujarat, na Índia, reinterpretadas por meio de sua linguagem visual singular. A superfície tátil, resultado de processos exigentes e manuais, convida o público a refletir não apenas sobre a materialidade do tecido, mas também sobre as camadas de história incorporadas à sua feitura. Com seu círculo marcante e detalhamento meticuloso, *Ultra Bajareque* transcende sua fisicalidade para tornar-se um mapa de narrativas — de migração, memória e resiliência. A obra ressoa tanto como artefato profundamente pessoal quanto como expressão universal, situando o fazer têxtil como um meio através do qual tempo e espaço colapsam, deixando como vestígio um mosaico evocativo de histórias entrelaçadas.

**Omar Mismar**

Taanyel, Líbano, 1986

**14. *Parting Scene (with Ahmad, Firas, Mostafa, Yehya, Mosaab)*** [Cena de despedida (com Ahmad, Firas, Mostafa, Yehya, Mosaab)], da série *Studies in Mosaics* [Estudos em mosaicos], 2023

Mosaico em tesselas de mármore sobre madeira, realizado em colaboração com o mestre mosaicista Abdel Moneim Barakat  
Doação Rose e Alfredo Setúbal no contexto da Biennale di Venezia, 2024

Omar Mismar se formou como designer gráfico em Beirute e, depois, como artista nos Estados Unidos. Completamente subversiva e versátil em termos de mídia, a prática de Mismar explora o emaranhado da arte, da política e da estética do desastre. Na série *Studies in Mosaics*, Mismar utiliza a arte secular e a linguagem clássica da criação de mosaicos para reproduzir fotografias instantâneas digitais. Essa junção provoca uma colisão temporal, ao mesmo tempo que registra traços visuais do cotidiano atual de pessoas comuns. O colapso entre o pixel contemporâneo e a tessela arcaica remete à crise temporal de nossa era, que testemunha a crueldade descontrolada da Antiguidade concomitante com a hipertecnologia, enquanto seus conceitos fundamentais de humanismo, solidariedade e empatia são ministrados de acordo com o cálculo político dos poderes dominantes. Os

mosaicos conservados de tempos passados foram encomendados pelos dominadores para imortalizar seus governos. Com *Parting Scene (with Ahmad, Firas, Mostafa, Yehya, Mosaab)*, Mismar subverte a encomenda para homenagear as ações heroicas dos guardiões esquecidos e benevolentes de um museu arqueológico na Síria.